

Nome: Suze de Oliveira Piza

E-mail: suzepiza@gmail.com

Instituição de Ensino: UNICAMP

Orientador: Zeljko Loparic

FILOSOFIA COMO DIAGNÓSTICO DO PRESENTE? SOBRE A PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO DE PENSAMENTO FILOSÓFICO NO BRASIL.

Resumo: A relação posta por Foucault entre *Aufklärung*, crítica e a chamada ontologia do presente (ou Filosofia como diagnóstico do presente e de nós mesmos) nos anima a pensar [com Foucault] sobre o que estamos fazendo quando fazemos Filosofia no Brasil. A ousadia do pensamento (*ouse saber!*) conclamada como lema por Kant em seu célebre texto *Resposta à pergunta: o que é a Aufklärung?*, texto lido e relido por Foucault enquanto ele *fazia* sua própria Filosofia, pode nos servir de ponto de partida para pensar a produção de pensamento filosófico *entre nós*. A ousadia do pensar, tanto em Kant quanto em Foucault, é uma ousadia crítica, na medida em que não se trata apenas de um gesto contra o poder de um entendimento externo, mas, da provocação para se pensar por si mesmo. Ao fazê-lo o homem terá que se voltar para si e mudar de atitude, assumir uma atitude crítica. A atitude da razão que se interroga é o que está em questão aí. A ousadia do pensamento força a razão ao seu limite, não se reduzindo à uma demarcação epistemológica de um campo, a ousadia se expressa como atitude que efetiva a Filosofia como prática e exercício de leitura do presente.

Esse é o espírito onde a expressão *filosofia como diagnóstico do presente* foi forjada. A defesa da autonomia do pensar é reforçada na tese de Foucault (de que o filósofo é aquele que diz o contemporâneo) por um conceito: a *parresía*. Conceito político e antropológico por excelência, a *parresía* é o dizer a verdade que permite ou possibilite que o sujeito se constitua como autônomo e que diga a verdade sobre si mesmo e sobre o mundo. A *parresía* tem a ver com uma espécie de *auto soberania*. Essa coragem de verdade, ou o falar francamente, pode ser tomada como ação política e como ação filosófica. Nisso consiste para Foucault a própria definição do papel do intelectual ou ainda a tarefa do filósofo: levar a seus contemporâneos o que está acontecendo. Fazer um diagnóstico do presente.

Pense por si mesmo e tenha coragem de verdade! As duas fórmulas se cruzam e são o cerne da própria atitude crítica que está presente tanto em Kant quanto em Foucault, marcos na História da Filosofia, marcos do pensamento moderno. Um projeto que vincula razão e ética – as duas fórmulas aparecem como imperativos. Aquele que diz a verdade não é forçado a fazê-lo, mas o faz, pois considera este seu dever. Obediência a si mesmo. Os imperativos, quando obedecidos, garantem a constituição de um sujeito autônomo e que cuida-de-si. No curso de 1982, Foucault apresenta o cerne desse cuidar-de-si: uma atitude geral frente ao mundo e uma conversão do olhar, do exterior para si mesmo; e, a incorporação das técnicas, as ações e os exercícios do dizer. Essas diferentes práticas formariam o conjunto da cultura de si que é ao mesmo tempo um caminho para o desassujeitamento, um ato de resistência contra o poder.

Essas ideias, elaboradas por filósofos reconhecidos pelo *mundo da Filosofia no Brasil*, são trazidas aqui para esse espaço de reflexão para nos auxiliar na tarefa de compreender: o que estamos fazendo quando fazemos Filosofia no Brasil? Estamos de alguma maneira próximos dessa atitude crítica? Produzimos pensamento filosófico de alguma maneira ao ponto de dar conta das nossas questões?

O parâmetro dado por Kant e Foucault possibilita definir o campo do pensar filosófico em nosso território ou ainda o campo da produção de Filosofia no Brasil. O referencial até aqui nos indica uma Filosofia como prática, uma espécie de *auto posição* do sujeito. Kant e depois o próprio Foucault (a partir desse conceito) produzirão em suas teorias uma espécie de *ontologia de si* – uma ontologia de nós mesmos – centrada no que o homem *pode fazer de si*, ou o que Foucault chamará posteriormente de práticas de subjetivação ou técnicas de si. A Filosofia de ambos, e tantos outros filósofos, poderia ser vista como efeito de uma prática de diagnosticar a si e ao mundo que temos alguma pertença.

Se tomarmos esse quadro de referência, como podemos avaliar a produção do pensamento filosófico no Brasil? Resposta simples: não podemos. O que fazemos com o nome de Filosofia no Brasil não passa nem próximo de uma concepção como essa. Quisa de qualquer outra concepção de Filosofia. Não produzimos, reproduzimos. Se tomarmos como referência a coragem de verdade e a autonomia do pensar – pensar por si mesmo – provavelmente, teríamos que admitir que não há o que avaliar em termos de produção de Filosofia, tampouco há o que avaliar se tomarmos a definição de Deleuze de que a Filosofia é produção de conceitos. Se a tarefa do filósofo é fazer um

diagnóstico do presente não temos Filosofia no Brasil, com raras exceções, que quando aparecem, normalmente não reconhecidas como Filosofia. Como disse uma vez Paulo Arantes, somos formados nos cursos de graduação de Filosofia no Brasil para sermos técnicos em referência bibliográfica. O “filósofo” no Brasil não tem a tarefa de diagnosticar o presente, aliás a uma dissociação entre tempo e Filosofia no Brasil e ainda como não poderia deixar de ser, falta a esse pensamento um sentido geográfico. É um pensamento autista. Não há sentido temporal, não há sentido geográfico, não há relação com o mundo. Nossa razão, como disse Roberto Gomes, é ornamental, dependente, deslocada, afirmativa, subserviente. Somos ensinados a reproduzir o que já pensaram, fazer paráfrases e explicitações, é o que se chama na academia de aprofundamento em um aspecto de uma Filosofia ou em um autor. *Não pense por si mesmo, não ouse pensar*, mandam os imperativos reais na maior parte dos departamentos de Filosofia no Brasil.

Temos uma relação patológica com a tradição. Não se pensa junto, **na** ou **a partir** da tradição, se pensa **a** tradição. A tradição não está atrás de nós como mola propulsora para o pensar, ela é **o único** objeto de reflexão filosófica, e para ser mais precisos, não a tradição como um todo (o que poderia ser de grande valia) mas um pedaço dela, solto, alheio ao tempo e ao espaço. Nunca fizemos Filosofia sobre o mundo, sobre nós ou nossos problemas, quando muito fazemos algo (que chamamos de Filosofia) sobre os problemas **da** Filosofia; isso quando se produzem textos sobre problemas, normalmente se faz Filosofia sobre algum conceito de algum filósofo desatrelado completamente de qualquer problema, de qualquer necessidade, de qualquer afeto. Sem contar as inúmeras vezes que nem o filósofo é o foco, mas seus comentadores e os comentadores dos comentadores. Apesar de muito bons explicadores de Filosofia, nossos trabalhos não passam, muitas vezes, de uma boa revisão de literatura.

É comum ouvir, dos poucos intelectuais que se ocupam com essa questão, que, de fato, não estamos fazendo Filosofia e, sim História da Filosofia, como fizeram inclusive, muitos filósofos europeus. Autoengano? Ingenuidade? Ou inapetência? Não estamos fazendo História da Filosofia, estamos requeitando os filósofos e suas ideias, fazer História é ser sujeito da História. Todas as ideias que tem lugar *entre nós*, que diz algo de nós, merecem ser lidas, relidas, discutidas, desde que atualizadas, trazidas para o nosso mundo. Mas, toda teoria filosófica já criada na História da Filosofia diz respeito a

nós de alguma forma? E pode/deve ser atualizada? Isso é História da Filosofia ou historiografia da Filosofia? Não estamos fazendo História da Filosofia, simplesmente por que não estamos *dentro* da Filosofia. Nós, latino-americanos, não somos sujeitos históricos nesse processo, somos *não ser* e, como já dizia Parmênides – *o não ser não é!* Somos heterônomos, subservientes, inconsequentes, pois a transformação de cursos de Filosofia em apresentação de sistemas (sem comprometimento com a verdade) e, tantas outras críticas dos mesmos sistemas, forma apenas céticos, que é a nosso ver, um passo para o cinismo. A Filosofia no Brasil trai o cerne da prática filosófica mais básica, inverte de maneira perversa os princípios mais basilares da produção de pensamento e da responsabilidade para com o mesmo.

No campo da Filosofia talvez não haja questão mais primordial, nem mais contemporânea e urgente, que fazer, como dizia Foucault, uma conversão radical sobre si e perguntar: afinal, o que estamos fazendo? Tem crescido o interesse pela Filosofia no Brasil. Cada vez mais filósofos se formam em cursos de graduação em nosso país, temos diversos programas de mestrado e doutorado em Filosofia no Brasil. Os congressos de Filosofia encontram cada vez mais público e a quantidade de trabalhos apresentados nesses espaços, por vezes, surpreendem. Mas, qual o modelo de pesquisa que orienta todo esse interesse? O que será proposto, aceito, e, principalmente, reconhecido como Filosofia nesses departamentos e que conseqüentemente define o que é a própria Filosofia *entre-nós*? Há algo que precisa ser evidenciado: estamos doentes. Temos uma relação patológica com a tradição e com a nossa profissão, nós a tornamos estéril, temos uma relação de descuido conosco e com a própria Filosofia. Estamos acaso alucinando quando dizemos que estamos fazendo Filosofia? Não percebemos que fazemos o contrário daquilo que é indicado pelos próprios filósofos e textos que estudamos e ensinamos?

A Filosofia no Brasil precisa de uma revolução. Para tanto é preciso defender que é possível assumir uma atitude sem adotar uma doutrina; que é possível atuar dentro de um modelo filosófico sem adotar os mesmos conceitos ou a mesma visão de mundo; c) que é possível atualizar um pensamento filosófico sem fazer a pergunta: o que a autor diria sobre tal tema, problema ou situação hoje?; d) que o estudo da Filosofia pode ser metafilosófico indicando *a maneira* como os conceitos foram criados, os operadores conceituais usados por um filósofo e com isso incitar a criação; e) e, ainda, que é possível pensar não *igual* a um filósofo, mas em analogia *com* ele, em relação a ele, pois

um diálogo deve ser ético e isso pressupõe dois seres humanos com o mesmo estatuto e *em* relação, relação essa que não pode ser dialética em que *o mesmo* subsume *o outro*. É preciso refletir nesse momento sobre nossa prática para daí quem sabe possamos *fazer* Filosofia.

Palavras-chave: Diagnóstico do presente, ousadia do pensar, Filosofia no Brasil.